



Um método novo para a ciência do homem moderno¹

Fabrizio Lomonaco

Università degli Studi di Napoli 'Federico II', Corso Umberto I, 40, 80138, Napoli, Itália . E-mail: fabrizio.lomonaco@unina.it

RESUMO. Este estudo faz uma análise da obra *De nostri temporis studiorum ratione* (1709), na qual Vico opõe ao novo método de *inventio* a *topica* decorrente do reconhecimento de verdades secundárias (*verisimilia*) típicas de ciências que atendem à necessidade de atividade prática, alinhada aos admiráveis ensinamentos de seu mestre Bacon, embora expurgados da fé na perfeição utópica e abstrata do conhecimento humano. Juntamente com a medicina e a moralidade, a *iurisprudencia* é capaz de expressar o novo critério da verdade, que equivale a colocar o *senso comum* em oposição à racionalidade abstrata.

Palavras-chave: Vico; ciência moderna; método.

A new method for science of modern man

ABSTRACT. This study makes an analysis of Vico's *De nostri temporis studiorum ratione* (1709) where Vico opposes the new method of *inventio* and *topica* stemmed from the recognition of secondary truths (*verisimilia*) typical of sciences that meet the need of practical activity in line with the admirable teachings of his *autore* Bacon, though expurgated from the faith in the utopian and abstract perfection of human knowledge. Alongside medicine and morality, the *iurisprudencia* is able to express the new criterion of truth which amounts to putting in the *common sense* in opposition with abstract rationality.

Keywords: Vico; modern science; method.

Received on July 6, 2020.

Accepted on July 28, 2020.

Introdução

Na Nápoles dos séculos dezessete e dezoito era costume no curso de retórica inaugurar o ano acadêmico com uma oração pública. Ao reservado, mas ativo professor de 'retórica', a manifestação (dedicada ao rei Carlos III da Áustria e desenvolvida na presença do cardeal vice-rei Grimani), prevista para 18 de outubro de 1708, apresentava uma ocasião significativa para dar voz pública a seu projeto pedagógico-político. Este assume forma e conteúdo de problema filosófico, tornando inevitável o confronto crítico com a sabedoria dos antigos. Pode, então, ser instrutiva a referência à célebre *Querelle des Anciens et des Modernes*, iniciada na França por Perrault, pelas respostas às desdenhosas críticas do classicista Boileau (que o induziram a publicar os *Parallèles des Anciens et des Modernes* em 1688 e 1697) e por Fontenelle, o autor da célebre *Digression sur les Anciens et les Modernes* (1688). Entretanto, quando tal *Querelle* se encerrara é que Vico intervém em favor das ciências naturais e das matemáticas que, exatamente sobre o plano do método, traíram o significado antropológico da ciência. Ele, ao meu ver, mais que atualizar a cultura napolitana acerca da polêmica além-alpes (Corsano, 1935)², faz, como filósofo, a escolha de um ponto-de-vista novo. Está sintonizado com as orientações político-culturais antidogmáticas contemporâneas, as quais haviam reivindicado *libertas philosophandi* no exame da tradição e da modernidade (a física cartesiana e o newtonismo, o racionalismo e o pirronismo histórico, a relação razão-fé), cultivando um ideal sincrético de temas platônico-neoplatônicos, aristotélicos e ciceronianos, atomistas e epicuristas, deveras difundidos na Europa de Bacon e Descartes. Não por acaso, o *De ratione* se inicia com o nome do pensador anglo-saxão e comenta o seu projeto (no *De dignitate et augmentis scientiarum* de 1623) de integrar a ordem das ciências existentes, apontando aquelas ainda lacunosas e imaturas. De seu 'autor', Vico (2012) herda a ambiciosa busca de uma nova síntese de "[...] todo o saber humano e divino [...]" em condição de reger "[...] em todo

¹ Tradução de Enoque M. Portes* e Tascira Santonastaso. Universidade Federal de Uberlândia. *E-mail: enoquemp@gmail.com

² Com relação à evolução dessa e das temáticas examinadas a seguir, bem como à relativa literatura crítica, me permito encaminhar a minha *Introduzione* (Vico, 2014, p. I-XXXI).

lugar com único espírito [...] em todas as suas partes, de modo que as ciências se dessem as mãos umas às outras, e nenhuma fosse impedimento a nenhuma outra (Vico, 2012, p. 59)³.

A admiração jamais renegada pelo antigo não se traduz na recuperação da erudição antiquária. A tentativa é, ao contrário, propor um confronto crítico entre o método dos antigos e o dos modernos, para estabelecer, em cada uma das principais ‘matérias’, os perfis caracterizantes e as perspectivas de desenvolvimento, a vantagem dos modernos na ‘soma geral do saber’ e as “[...] desvantagens inevitáveis [...] considerando as desvantagens do antigo’ (Vico, 2014, p. 15)⁴. Mas Vico não pretende confrontar ciências ou artes homólogas entre si, porém avaliar o método, partindo de três funções fundamentais: ‘instrumentos, subsídios e fim’. A propósito dos instrumentos para a introdução de uma ordem e de regras necessárias à aprendizagem, a atenção se concentra no uso da análise em geometria (e dela na física e na mecânica), da química (quase ignorada pelos antigos) em medicina, do microscópio em anatomia, do telescópio em astronomia e da bússola em geografia. Se os progressos e as vantagens do método dos modernos são indubitáveis, o limite reside na assunção de uma lógica baseada no procedimento silogístico. A argumentação é sustentada pela vontade de se contrapor ao dedutivismo, particularmente nefasto em medicina. Nela, deve ser erradicada a pretensão de conhecer as causas e os dogmas da moderna doutrina humoral de inspiração cartesiana e, mais em geral, a pretensão de explicar e classificar os males do corpo e da alma, de determinar diagnósticos exatos, mas incapazes de compreender as características das moléstias e de suas causas, cognoscíveis somente com o método indutivo, atendo-se aos *verosimilia signa* e à preciosa ‘arte da observação’. É, com efeito, o nexos funcional entre o *cogitare* e o *videre* que permite identificar com os olhos a orientação sintomática no âmbito diagnóstico e terapêutico. Também desse ponto-de-vista é confirmada a sintonia com a filosofia de Bacon e sua sensibilidade para conjugar a finalidade prática da nova técnica com a recusa à abstrata razão matemática. Mas a admiração pelo filósofo inglês é também crítica em relação à sua confiança sem limite no progresso das ciências com vistas à ‘total perfeição’. Assim observa Vico (2014), ao colocar o problema de uma adequada fundamentação antropológica da reflexão sobre o estatuto da ciência moderna, tomando logo distância de todo ideal abstrato propenso a não reconhecer que ‘tudo aquilo que o homem pode conhecer, como o próprio homem, é finito e imperfeito’⁵. À vasta ambição científica do autor do *Novum Organum* se opõe a mais realista e dramática condição espiritual do filósofo napolitano, que adverte acerca da necessidade de se furtar a uma explicação naturalista, confirmando o posicionamento do humano entre o divino e o natural, contra as perigosas e danosas absolutizações. No fundo, está o reconhecimento da necessidade de preparar os jovens a bem raciocinar e julgar argumentando, contra a injustificada pretensão de julgar antes de haver investigado e aprendido. Se depois da caracterização dos instrumentos e dos subsídios, o ‘fim’ dos estudos – difundido no método como ‘o sangue por todo o corpo’ – é a verdade, esta deve ser perseguida com método em relação ao mundo do homem, feito de eventos incertos e variados, coerentes com seu livre arbítrio. Vico está ciente de que seu diagnóstico se move em um contexto hostil, fundado na lógica do racionalismo matematizante que periga empobrecer a formação do homem. Com efeito, não é irrelevante a função que assume no *De Ratione* a mecânica racional aplicada à física com método geométrico, em que se tende a separar este último do dado natural para reproduzi-lo nas forças que o mantêm em movimento, antes de poder analisá-lo nas causas que o produziram. O objetivo é introduzir um modelo (platônico-neoplatônico) de verdade, para aperfeiçoar o empirismo retórico-pedagógico e oferecer ‘imagens mais sensíveis das coisas’ tratadas pela mecânica (Vico, 2014)⁶. Desse modo, a característica discursiva da *mens* humana afirma-se como expressão da capacidade imaginativa, fantástica e metafórica de compreender aspectos de semelhança e dessemelhança entre as coisas. É o tema em torno do qual se desenvolve toda a *Dissertazione*, apresentando antes de tudo as desvantagens do moderno método ‘analítico’, se transferido da geometria à física, aqui repercutindo discursos e reflexões suscitados nas conversações pedagógico-científicas com o filósofo e matemático Paolo Mattia Doria, amicíssimo de Vico e autor da *Educazione del Principe* (1710). A construção geométrica das formas deve partir da produtividade intuitivo-sensível (Vico, 2014). Vico distingue claramente formas e

³ Uma questão teórica em aberto é aquela da unificação do saber moderno, destinada a tornar-se o fio condutor da meditação que a autobiografia encara, considerando a *Dissertazione* de 1709 como “[...] um esboço da obra [...] *De universis iuris uno principio ecc., apêndice* da qual é a outra *De constantia iurisprudentis*” (Vico, 2012, p. 60).

⁴ Para uma análise ecdótica da obra, aconselho a leitura de Veneziani (2000). Por outro lado, contém um notável e muito útil conjunto de notas a edição espanhola (Vico & Navarro Gómez, 2002, p. 235-261).

⁵ De particular interesse são as páginas de Struever com relação à ‘teorização biomédica em Nápoles do final do século dezessete’ nas quais sobressaem o *Parere* de Leonardo di Capua e o ‘Aristotele meta-biologo’, ‘descoberto’ pelo filósofo da *Scienza nuova* (Struever, 1997).

⁶ Com relação ao *ingenium* e às fontes humanísticas do renascimento a literatura crítica é infinita. Recordo os estudos pioneiros de E. Grassi e de Ch. Perelman, de D. Ph. Verene e A. Battistini, de G. Costa e Hidalgo-Serna, ressaltando, do mesmo modo, as atualizadas e notáveis pesquisas de M. Sanna (Sanna, 2001) e G. Cacciatore (Cacciatore, Sanna, Diana, & Mascolo, 2015, p. 37 e sg).

números e destaca a matriz sensível, caracterizando os segundos como um sistema de cifras convencionais sobre o qual trabalham as operações das ciências apodíticas. Para o *intelligere* geométrico, a delimitação de uma grandeza não ocorre pelo cálculo logicamente contido na equação estruturada, mas se realiza comparando os traços de afinidade e semelhança que as figuras apresentam. E isso porque no ato sintético a imaginação geométrica configura construtivamente o próprio objeto. Denunciando os limites de uma sociedade refinada, mas preguiçosa e estéril, que não inventa, Vico não hesita em revalorizar a capacidade da matemática em formar imagens que precedem a dedução das verdades apodíticas, o que implica um conceito de verdade como composição, aproximando os geômetras dos poetas na construção ideal do fictício, confiada a imagens e figuras que não são o falso, mas uma modalidade da verdade, segundo o estatuto hipotético-indutivo que, com a poesia e a geometria, marca a matriz construtivista do paradigma viquiano do conhecimento. A *ratio studiorum* é lançada na direção do *poietico*, porque a ‘ficção’ do poeta é entendida como verdade ideal (*verum in idea sive ex genere*) e dom divino (segundo a lição platônica) no exercício do seu poder. A razão que participa do complexo processo de formação do homem não é uma marca subtraída à dinâmica do devir do vivente, incluindo a corporeidade; é uma razão a si mesma tornada historicamente, mas sem perder a memória de sua origem, quando era linguagem poética cantada. Testemunham isso os ‘caracteres poéticos’ de Homero de que fala o Aristóteles da *Poética*, oposto àquele da lógica silogística, herdado pela escolástica e que chegou até Descartes, teórico de um saber filosófico claramente distinto do poético.

O novo método

No *De Ratione* é central, em sua problemática, o tema da natureza como objeto de investigação, e com isso, o da capacidade de funcionamento da *mens* como parte e, ao mesmo tempo, sujeito da natureza. O discurso viquiano não é a reproposição de temáticas retórico-humanistas nem de um neoexperimentalismo, porque contém uma e outra questões: a visão da geometria sintética não analítica que fornece o critério do conhecer como fazer e a exigência metodológica da concepção dos *Investiganti* de Nápoles. No fim da tradição humanista, Vico se propõe como o pensador que tende a superar o dualismo entre o momento retórico, ligado às circunstâncias da vida, e o lógico, da teoria sem história, encerrada nos esquemas de um racionalismo rígido que se opõe à variedade dos fatos do homem fantasioso, anterior ao julgador. O método dedutivo invalidou, de fato, o conhecimento humano, renovando o antigo primado da ontologia e da cosmologia sobre a antropologia; induziu à falsa confiança na real correspondência (em sentido ontológico) entre o universo físico e a estrutura formal da ciência, com base na convicção – de inspiração platônico-neoplatônica – de que o mundo humano, como o mundo natural, é compreensível somente por relações matemáticas, ‘escrito em caracteres geométricos’, ao ponto de pretender com excessiva segurança adaptar a natureza às teorias, importar “[...] o método geométrico à física, [...] já não como físicos hesitantes, mas como arquitetos de um imenso edifício” (Vico, 2014, p. 23). No capítulo V, ao tratar das invenções modernas (a artilharia, o navio a vela, o relógio e as cúpulas nos templos), Vico observa que todas apareceram bem antes que a análise fosse difundida, e que o método analítico introduzido na mecânica não foi observado por ‘aqueles que idealizaram coisas novas e admiráveis’. Estas são ajudadas sobretudo pelo engenho, a fértil e extraordinária capacidade do homem de dar vida ao processo criativo da *mens*, de agir sobre as paixões humanas, formando imagens que alimentam a fantasia e a memória, como enfatiza em uma carta de 1725 dirigida ao aluno poeta Gerardo degli Angioli, na qual o define “[...] o pai de todas as invenções” (Vico, 1992, p. 122). É radical o aprofundamento, em sentido filosófico, da teoria seiscentista do *ingenium* (célebre na definição de Gracián em *Agudeza y Arte de Ingenio* de 1648 como a capacidade de expressar relações entre os objetos), porque em Vico se trata de integrar *scire* e *facere*, para operar sobre os dados da realidade e refutar a substancial passividade do método tradicional de conhecimento que gera o ceticismo⁷. Engenho e dimensão social do saber legitimam o ‘humanismo’, caracterizado pelo ‘difícil equilíbrio de uma posição ao mesmo tempo antidogmática e anticética’ (Modica, 1983). Não ignorado por Descartes, que havia tratado na *Regula IX* de acume de engenho, em Vico ele é a faculdade cardeal da finitude humana, de uma inteligência sintética das formas, ligada à ação e à divina força criativa da mente humana. Esse é um tema enfatizado no capítulo VII do *De ratione*, em que trata dessa *facultas* como *mentis vis, quae compositione existit* (força da mente que consiste na composição) para aconselhar, como propedêutica aos jovens, a aprendizagem da

⁷ Falou de uma ‘proximidade histórica e conceitual’ entre Gracián e Vico (Girard, 2005).

geometria *per formas ad ingeniosam rationem* (através das formas para se ter uma razão engenhosa) (Vico, 2014)⁸. Os abstratos sistemas racionais que pretendem fazer da metodologia científica o critério da certeza cognoscitiva, fiel somente ao *primum verum*, revelam-se insuficientes para reconhecer gradações no saber humano. A recusa da “crítica” coincide com a polêmica sem reservas nos confrontos com o racionalismo moderno, irreduzível, contudo, à filosofia de Descartes. Este havia posto definitivamente em crise a velha lógica de origem aristotélica, fundada no uso do silogismo. O autor do *Discours de la méthode* devia se apresentar a Vico como um homem de profunda cultura, capaz de induzir posturas especulativas originais por ao menos duas razões distintas e convergentes: por um lado, como fundador da *libertas philosophandi*, baseada em um novo método científico, filosoficamente estruturado, e teórico da metafísica moderna com a definição da “[...] força divina da mente humana ...]” elogiada na *Oratio I* (Vico, 1982, p. 83); por outro lado, como inspirador do novo dogmatismo, disposto a separar os fatos (a filologia) da razão (a filosofia), subordinando a física e a natureza humana à geometria analítica. A filosofia de Descartes pretende se apresentar como crítica, isto é, antidogmática, ao não admitir nada que não seja racionalmente demonstrado. A inevitável dúvida metódica é também via de acesso ao *primum verum*, que tem caráter necessário e se manifesta como evidência, perfeita adequação noética do ato cognoscitivo ao dado ontológico, que na sua integridade é constituído inseparavelmente por si só e por Deus.

O perigo mais grave vinha da evolução do cartesianismo no rigorismo lógico-matemático dos jansenistas de Port-Royal, que tinham confundido o método com a realidade, as regras da *mens* com a metafísica do ser. E quando se discute isso, é necessário determinar autores, textos e contextos. Nesse caso, é preciso recordar que o ponto de referência polêmico da *Dissertatio* de Vico é o jansenista Antoine Arnauld, com seu afortunadíssimo manual de lógica (*La logique, ou l'art de penser*), que em sua força moralística e pedagógica havia confrontado o probabilismo da persuasão retórica, interpretando o *cogito* como modelo de rigor demonstrativo, de exemplar orientação de clareza e evidência. Induz a isso o isolamento radical e anti-histórico da subjetividade, a presunção mentalística de decidir não só sobre a qualidade produtiva de nossa relação com as coisas, mas sobre sua própria natureza. Nesse sentido, o dualismo entre *res cogitans* e *res extensa* se reforçava a ponto de romper toda possível ligação, reduzindo a segunda ao incontrolável domínio da primeira. Essa é a dimensão lógico-mentalística do cartesianismo em voga em Nápoles, também em sintonia com a retomada do inatismo platônico-agostiniano. Contra a incontida obstinação lógico-dialética de seu autor – que mesmo sem o admitir, se vale ‘de exemplos úteis’, mas incompreensíveis – se manifesta a atenta refutação de Vico, não isenta também de razões de cunho ético-religioso (Vico, 2014)⁹. À pretensa identificação entre método, conhecimento e metafísica, se opõem as ‘verdades segundas’ das ciências particulares em função de interesses práticos e *poiéticos*, distantes da filosofia reduzida à exclusiva meditação metafísica. A relação com o *verum* se abre à descoberta das ‘verdades segundas, ou seja, dos verossímeis’, quer dizer, de conhecimentos medianos entre verdade e falsidade. Acerca desse tema não deve ser ignorada a influência do cartesiano Malebranche (1983), que subordina à ‘necessidade da evidência’ intuitiva a ‘verossimilhança’, todavia revalorizando-a temporariamente em todas as ciências que podem satisfazer uma necessidade de atividade prática (moral, política e medicina) (Malebranche, 1983) Também para Vico o verossímil não é autoevidente ao pensamento, mas objeto de *inventio*, buscado na experiência sensível, formado no tempo e compartilhado por muitos homens. É preciso examinar a física com outros olhos, de filósofo não cartesiano, ‘para bem educar nossa alma’ com o reconhecimento de verossimilhanças e não de verdades lógicas. O antidogmatismo subjacente a tudo isso não é recusa do *verum*, mas a tentativa de sua recuperação na experiência concreta dos homens historicamente em devir nos dados de sua efetividade (Vico, 2014). A exclusão da educação humanista pela renovada filosofia moderna conheceu, como consequência, o claro redimensionamento da retórica que, ao contrário, deve ser recuperada para orientar as emoções e as paixões dos homens a fins morais, contra a velha lógica e as sutilezas escolásticas alheias àquelas formas de raciocínio plenamente correspondentes ao mundo concreto das utilidades e necessidades humanas. O próprio Bacon soubera tirar da tradição ciceroniana todas as armas polêmicas para se opor à abstrata e vã dialética, conciliando as exigências da vida ativa e da nova ciência com a fecundidade inventiva da retórica antiga, distante das involuções cético-acadêmicas e peripatéticas (Corsano, 1935). De resto, já o Vico das *Orazioni inaugurali* (1982) elaborara um original aprofundamento da posição retórico-humanista, extraído do modelo ciceroniano motivos assaz significativos, sensíveis a arquétipos platônicos

⁸ De Descartes vejam-se as *Regulae ad directionem ingenii* (Descartes, 2009, p. 733).

⁹ Cf. Nardis (1995). Com relação às motivações ético-religiosas são sempre úteis as páginas de Corsano (1935, p. 68 e sg).

e platonizantes. Com um ciceronianismo purificado de todo dogmatismo e fundado sobre a prática retórica da persuasão contra a dialética abstrata e a apodítica escolástico-aristotélica, estamos diante da defesa convicta de um método que renuncia a reduzir o sentido da filosofia a um processo racional dedutivo e valoriza a obra da retórica, irredutível ao controle simples e exterior da coerência argumentativa. Para Vico, não esquecendo da tratadística italiana seiscentista (de Pellegrini e de seu estudo *Delle acutezze* [1639]), o saber retórico quebra o caráter necessitante das passagens lógicas e enfraquece as puras sutilezas verbais, opostas à ‘agudeza’, uma vez que “[...] o sutil contém uma única linha, o agudo duas, e dentre as muitas agudezas o primeiro posto é sustentado pela metáfora, a mais insigne fineza e o ornamento mais esplêndido de todo falar ornamentado” (Vico, 2014, p. 59). O acume compreende as verdades mais difíceis de se persuadir, cumprindo a tarefa de promover a comunicação entre os homens (Vico, 1989)¹⁰. Perigoso é o cartesianismo ‘dos métodos e das críticas’ que sacrificou os ‘instrumentos’ de natureza retórica bem notórios na literatura humanista quinhentista e de larga fortuna no enciclopedismo seiscentista, como sugere a etimologia barroca de *argumentum*, com o qual se traduz o termo médio da silogística. Se é impossível avaliar a veracidade dos argumentos antes de tê-los descoberto e ordenado com o método apropriado, é preciso partir da *inventio* e da *dispositio* para alcançar a conclusão da crítica. Com nova intuição filosófica, Vico se abre aos conteúdos do saber moderno, mas inovando com um método criativo de sentido contrário ao uso apodítico-dedutivo da razão. Privada daquela sistematicidade, assumida no enciclopedismo barroco, que torna a *ars inveniendi* o modelo da ciência universal, é proposta a tópica, claramente distinta do modelo antigo (aristotélico), que isola os procedimentos de cada uma das artes, distinguindo dialética e retórica. Com Cícero – que alcança no *De Oratore* a unidade sintética e concreta desses dois momentos¹¹– alinha-se Vico, superando a oposição entre filosofia e retórica na efetivação real da comunicação humana, da função do discurso segundo o ensinamento da tradição humanista, de Agricola a Vives. Da *inventio* parte a tópica, que ajuda a encontrar argumentos para propor corretamente as perguntas que definem um problema e induzir a uma verdade provável, assegurando à argumentação uma copiosa abundância de perspectivas possíveis. A tópica se torna uma força viva da *mens* em sintonia com a enfática exigência humanista de procedimentos lógicos simples, mais próximos às *res* que às *verba*. Pensa-se na polêmica contra a compilação de Justiniano nos *Paratitla ad Tit, Digesta* (17, 1) do admirado Cujas e na valorização em Alciati do estudo das palavras (*De verborum significatione* 1530) no campo do direito enquanto instrumentos de pensamento e de conhecimento opostos à dialética verbal do aristotelismo escolástico e do bartolismo, para poder escolher, dentre as muitas *rationes docendi*, aquelas conciliadas com os valores da eloquência e da retórica (Mortari, 1980)¹².

O método analítico mostrou sua unilateralidade identificando, por meio do procedimento dedutivo, a ação de buscar com o objeto buscado. Partindo de uma premissa originária, aquele método deduz dela consequências confinadas sempre ao âmbito dado por tais premissas, âmbito que, ao contrário, se abre ao método fundado sobre a tópica, propenso a reconhecer todas as premissas dos fatos e das verdades do mundo humano, que são experimentadas, certificadas e vividas. A *ratio studiorum* alternativa tem lugar na invenção de todas as premissas, para chegar a um discurso rico em dados e a uma visão racionalmente indedutível das relações estabelecidas entre premissas indedutíveis. A intransigente afirmação da verdade primeira como princípio e fim da crítica se separa do mundo das imagens sensíveis e, assim, esteriliza culturalmente os jovens, afasta-os da realidade, obrigando-os a um esforço antinatural, contrário às experiências e faculdades mais vigorosas de sua idade.

O homem viquiano habita o mundo, inventando lugares em comum com outros seres similares, operando como filósofo tópico, condição indispensável para evoluir ao último estágio identificado pela crítica moderna. Toda a *Dissertatio* é a defesa de um método que não chega à demonstração racional senão depois da compilação e da *dispositio* dos argumentos em conformidade com a imprevisível variedade do real. Não se trata de considerar a tópica como alternativa à crítica, quanto de colocar em discussão, nas origens do processo educativo, o primado absoluto da atividade das ‘maquinarias construídas segundo os princípios da análise’. A isso deve opor-se um saber que, através do momento ideativo da *inventio*, prepare a verificação da veracidade, “[...] visto que como a descoberta dos argumentos vem por natureza antes do juízo sobre a

¹⁰ Sobre os ‘ditos agudos’ cf. Di Cesare (1988, p. 157-173).

¹¹ Veja-se o importante passo do *De oratore* (II, 36, 152) onde se destacam a tradução dos *topoi* por *loci* e a referência aos lugares comuns a serem reencontrados com a *inventio*: ‘Aristóteles (...) que eu admiro mais do qualquer outro, estabeleceu alguns lugares comuns a partir dos quais se poderia deduzir cada argumentação, não apenas para as disputas filosóficas, mas também para essa nossa oratória judiciária’. E em termos quase idênticos àqueles da polêmica anticartesiana de Vico, a obra desenvolve a crítica ao estoicismo (Vico, 1989, p. 38, 157, 160).

¹² Do mesmo autor recomenda-se a consulta de Mortari (1978, p. 347-364).

verdade, assim também a tópica, como matéria de ensino, deve preceder a crítica” (Vico, 2014, p. 71). O ponto de gravidade da lógica se desloca da demonstração apodítica aos procedimentos da ‘argumentação’, que surgem como um inesperado recurso de Vico às posições da crítica dos *Investiganti* contra o aristotelismo escolástico e a abstrata verdade cartesiana. A *veritas*, tornada absoluta, não serve para definir as ciências do humano, estranha ao jogo das incertezas e da flexibilidade. Daí a escolha de introduzir o critério do provável, levando ao aprofundamento extremo os conteúdos daquele cartesianismo de puro sabor antidogmático, já expresso muitos anos antes em Valletta e D’Andrea na esteira da lição do Di Capua, acolhida pelos entusiasmos juvenis do autor do *De Ratione*. No centro ideal da obra, está com o antijansenismo a inevitável reação ao dualismo metafísico cartesiano e ao seu rigorismo mentalístico, ao qual se opõe o probabilismo ético-retórico de Cícero (Corsano, 1935). No entanto, a teorizada integração entre ‘tópica’ e ‘crítica’ não é proposta apenas como retomada da metodologia antiga, mas como revalorização crítica da *humanitas* nas dramáticas ocasiões da vida e do pensamento de uma mente ligada ao corpo e às suas modalidades de expressão no agir humano, capaz de atualizar o humanismo retórico da sapiência (De Giovanni, 1968)¹³. No mundo ‘os feitos humanos são dominados pela ocasião e pela escolha, que são incertíssimas’, e ademais são guiados pela “[...] simulação e a dissimulação, coisas as mais enganosas [...]”, de modo que “[...] aqueles que cultuam a verdade pura dificilmente sabem servir-se dos meios e com maior dificuldade sabem alcançar os fins [...]” (Vico, 2014 p. 83)¹⁴. Ciente das consequências de um empirismo cético e libertino, divorciado da complexidade da experiência humana de vida, Vico reage também aos limites do experimentalismo dos *Investiganti*. Sua crise, causada pela escolha de permanecer no plano das experiências verificadas, cancelara a pesquisa de um complexo que desse conta de todas as faculdades humanas e enriquecesse a mente com aquele senso comum que faltava aos experimentadores e aos jovens cartesianos. Aqui residem a novidade e a originalidade do método viquiano de estudos, que se move a partir de uma concepção tópica do saber, descobrindo que se a verdade pode ser demonstrada apenas com operações lógicas, trata-se de defender as razões do verossímil fundado sobre o ‘senso comum’, enfraquecido pelos libertinos, ateístas e cartesianos. Vico o herda da polêmica antidialética de Vives em proveito de um método fundado na força persuasiva do *sermo* e da crítica anticartesiana de *De Benedictis* (Corsano, 1935)¹⁵; e o reabilita contra a abstrata certeza do *cogito* e do método (cartesiano) da ciência, inaplicável à vida dos homens que “[...] não se regem segundo decisões racionais, mas segundo o capricho e o acaso” (Vico, 2014, p. 89). O senso comum funda as dimensões sociais e históricas da existência, a partir das quais têm início a arte tópica. Indivíduos que vivem juntos e se comunicam entre si agem se inspirando em regras gerais por meio do ‘senso comum’, sentimento de comunidade ligado ao engenho, à capacidade de vislumbrar com a ‘fantasia’ e a ‘memória’ semelhanças ideais em todos os campos do saber. Contra todas as formas de identificação de razão e realidade, o senso comum é a verdade como pode aparecer ao homem, isto é, a verdade em suas primeiras formas não reflexivas, mas perceptíveis e tópicas, inventivas e fantásticas. Esse senso não é a universalidade abstrata da razão, mas a unidade concreta do saber prático orientado segundo a infinita variedade das circunstâncias, distante dos velhos formulários e empobrecidas preceptísticas.

Intermediário entre a verdade e o falso, e subjacente à afirmação do verossímil, o *sensus communis* observa a possibilidade de tornar concreta a universalidade da verdade e, ao mesmo tempo, a possibilidade de abrir ao universal a concretude do fato. Somente uma correta educação retórica pode fazer do universal uma verdade comum e assegurar eficácia à comunicação entre os homens, orientando suas paixões no mundo. Não existe um *verum* absoluto, mas verdades particulares, variáveis e aparentes, verdadeiras e próprias realidades para o vulgo, incapaz de acompanhar raciocínios dedutivos, porque dotado de superabundante fantasia, “[...] virado e revirado pelo desejo, que é tumultuoso e turbulento, como um traço da alma contraído em contágio com o corpo, do qual segue a natureza, de modo que não se move senão mediante coisas corpóreas” (Vico, 2014, p. 97, 99). Reelaborada a perspectiva ‘dualista’ e fortemente ‘mentalística’ das precedentes *Orazioni*, as páginas de 1709 documentam o valor do nexos entre a dimensão insuprível do corpo e o poder diretivo da mente. Pensada como condição imprescindível da realização civil do homem, a corporeidade é um limite positivo da mente, porque circunscreve as funções racionais no momento mesmo em que as reconhece através da palavra. Ancorada em demonstrações num processo

¹³ B. De Giovanni está convencido de que “[...] o verdadeiro ato de nascimento da filosofia de Vico foi em 1709, o ano [...] da ‘descoberta’ [...] que opõe a ‘tópica à crítica’” (De Giovanni, 2002, p. 31, grifo do autor).

¹⁴ Sobre o ‘senso comum’, depois dos estudos monográficos bem conhecidos de Chaix-Ruy e Giarrizzo, vide Modica (1983).

¹⁵ Do mesmo autor acredito, por outro lado, não ser totalmente aceitável, mesmo sendo estimulante, a tese do *De ratione* como sinal de uma aproximação de Vico às posições do libertinismo e do despojado realismo político inspirado em Maquiavel (Corsano, 1956, p. 61, 64 e sg.). De Vives, aconselha-se a consulta da linda edição do *De ratione dicendi* (Vives, Hidalgo-Serna, & Mattioli, 2002). Devemos tanto ao estudioso espanhol, quanto a Verene e a Battistini os estudos que, mesmo de perspectivas e interesses teórico-históricos distintos, atualizaram a literatura crítica.

dedutivo de conhecimento que ‘faz sempre derivar uma proposição da que precede imediatamente’, a linguagem dos geômetras é ‘rigorosa e concisa’. Ela empobrece a estimulante variedade do discurso persuasivo, sufoca aquela faculdade que faz vislumbrar ‘analogias entre coisas de enorme diferença’ e que procede no discurso de forma ‘desenvolta e copiosa’, característica da eloquência que busca persuadir ‘a multidão inculta e os rudes’ com ‘fina e florida forma no dizer’ (Vico, 2014). Mestre de retórica, Vico reconhece como a natureza do homem se forja na dimensão da palavra, pela qual ele se torna artífice do tecido conectivo da sociedade enquanto comunidade civil. Graças à função modeladora da palavra, a linguagem se faz expressão do sujeito moderno constitutivamente aberto à dimensão efetiva e civil da realidade. É clara a distância de um critério de tipo combinatório de um calculado procedimento nominalista de matriz hobbesiana, como já testemunha a *Oratio VI* (Vico, 1982). Se a verdade objetiva permanece absolutamente inatingível ao homem, ele deve se limitar a ver refletida na palavra a imagem de um vero necessariamente justificado alhures, de modo que a linguagem contribui a constituir a verossimilhança, adquirindo outra relevância gnosiológica em relação à inércia da crítica. Em polêmica com as regras abstratas da linguística e todas as tiranias das escolas e estilos, a valorização da linguagem em sua dimensão analógica e metafórica é descoberta da nova e importante conexão entre as formas da linguagem e os caracteres dos povos, esclarecendo que ‘as índoles dos povos se formam com as línguas e não as línguas com as índoles’. Em contraposição indireta com o movimento da Pléiade e a exaltação da capacidade criativa da língua francesa, é ressaltado o caráter lógico-crítico da língua do racionalismo cartesiano que é abundante em substantivos (em coerência com o método analítico), mas desprovida de marcas retórico-metafóricas, diferentemente do italiano, língua ‘sempre suscitadora de imagens’ e de ‘coisas diversas e distantes entre si’ (Vico, 2014, p. 107)¹⁶, através de uma plasticidade natural que consente (na memória) a passagem do sentido próprio ao figurado. As diferenças de significado e de uso da palavra italiana *ingegno* e da francesa *esprit*, esta última sobremaneira definitória e destituída de sugestões afetivas e emotivas, mostram o êxito pedagógico da reflexão de Vico, sustentado pelo reconhecimento de que a redução da forma linguística à expressão de associação lógica de enunciados limita o desenvolvimento das mentes e impede o vislumbre de analogias, inibindo as formas expressivas de desenvolverem uma função persuasiva.

Considerações finais

A afirmação da tópica e do senso comum tem lugar na discussão dos métodos da ‘eloquência civil’, referida à *humana societas*, dominada pela disparidade de opiniões e pretensas verdades. A eloquência indaga sobre a natureza do homem, incerta pela presença do arbítrio, marcada pela pluralidade de possibilidades e escolhas nem sempre previsíveis. Se quisermos transformar as paixões em virtude, é preciso trabalhar as argumentações com as quais se opera e se constrói o mundo. Não basta somente analisar abstratamente a realidade, mas considerar como ela aparece a partir de múltiplos pontos-de-vista. A ação eloquente é necessária enquanto ‘sabedoria que fala de modo ornado, copioso e adequado ao senso comum’, não mediante ‘sutis raciocínios’, mas com ‘corpulentíssimas maquinarias oratórias’, porque se “[...] a crítica nos torna verazes, a tópica nos torna eloquentes” (Vico, 2014, p. 235) Se Aristóteles é a autoridade que teorizou a arte dialético-retórica, fundada no esquema lógico do procedimento silogístico, este herdado pela cultura medieval (Bartolo e os bartolistas), a lição a ser retomada e meditada é a de Cícero, que teorizou o nexo entre *eloquentia* e *sapientia* e “[...] se tornou eloquente exatamente pela tópica” (Vico, 2014, p. 43)¹⁷. Nesse contexto, a lição do grande orador romano não é mais somente um ideal a imitar, mas a personificação de uma escolha teórica fundamental. A seu modo, Vico assimila a fonte da admirada tradição humanista de forte inspiração civil, interpretando-a com referência ao mundo humano da *utilitas* e da filosofia ‘prática’. E, coerentemente, a nova *ratio studiorum* não persegue a superficial comparação entre o método dos antigos e o dos modernos, nem uma estéril defesa da cultura humanista. Propõe, ao contrário, assumir, no plano de uma pedagogia política ativa, a consciência da utilidade social da ciência. Prevalece, de fato, o escopo de educar os jovens para as ações, sem desembocar naquelas ‘estranhas e inabituais’, reabilitando a vida associada em uma perspectiva histórico-temporal claramente sacrificada pela filosofia do

¹⁶ Quanto aos estudos relacionados à metáfora, a literatura é muito nutrida; entre os mais atualizados, destaco aqueles de Marcel Danesi e Stefano Gensini, contidos no volume coletâneo Cacciatore, Gessa-Kurotschka, Nuzzo e Sanna (2004, respectivamente nas p. 27-54 e 55-72).

¹⁷ Em relação à presença de Cícero no *De ratione* F. J. Navarro Gómez nos oferece um estudo analítico, mesmo que parcial, desse texto (Gomez, 2001, p. 640-642). Sobre a temática, depois das importantes pesquisas de Gianturco e Vasoli, Apel e Grassi, Pompa e Mooney, Pöggeler e Verene, Crifó, Viehweg e Geldsetzer (sobre ‘tópica e jurisprudência’), Comparato e Giuliani (sobre ‘retórica judiciária e filosofia prática’) e Gensini (sobre a ‘retórica civil e do engenho’), consulte-se Luvará (2001).

cogito. Em Nápoles nos anos de Vico, experimentou-se todas as insuficiências do cartesianismo no plano da ética e da vida civil através de uma insidiosa configuração do método e da *ratio studiorum* subordinados à metafísica, impotentes para indagar acerca do mundo humano. A argumentação analítico-dedutiva da ciência não pode ser aplicada a tudo aquilo que, por sua natureza, é contingente e variável no tempo, a todas aquelas competências de ordem prático-operativa, adquiridas somente com a experiência, contrárias à uniformidade e homogeneidade do saber racional. A superioridade da sabedoria dos antigos é a consequência do ‘mais grave dano’ que o novo método da crítica cartesiana acarreta, enquanto leva a ocupar-se ‘muito assiduamente das ciências naturais’, negligenciando a moral que se ocupa “[...] das índoles de nosso ânimo e de suas tendências à vida civil e à eloquência” (Vico, 2014, p. 81). Está em jogo uma cultura política que inova contra o fracionamento corporativo, análogo àquele epistemológico que impediu a unidade metodológica dos saberes e a sua ‘comunicação’ com tipos discursivos do procedimento tópico. O aspecto mais ‘desvantajoso’ da modernidade é testemunhado exatamente pelo desmembramento das artes e das ciências em relação à organicidade que outrora as caracterizava e as ligava estreitamente à filosofia e, em particular, à figura de um filósofo, à organicidade de seu pensamento e à unidade de sua língua. Se a *reductio ad personam* é improponível, o *ipse dixit* de origem aristotélica, a própria dificuldade de ter confiança em uma ciência geral das causas induz a uma dissolução do saber geral nos saberes positivos, que é a marca do moderno, desde que, no entanto, garanta uma nova unificação. A crise da sabedoria é a crise daquele pluralismo epistemológico que não alcança uma forma unitária. E esta última resulta de difícil solução nos esquemas de uma filosofia cartesiana, admirada pela definição da *mens* humana de origem divina, mas abandonada por haver reduzido o homem a sujeito-pensamento, isolado do mundo externo à luz das abstratas relações entre método e metafísica. Idealizando o papel da sabedoria também em âmbito ético-político, o cartesianismo já não está em condições de compreendê-la como unidade. A verdadeira filosofia é aquela que contribui à formação integral do educando, auspiciando a conquista de um saber não agnóstico, mas harmônico de todas as disciplinas na Universidade, para que seus mestres ‘formassem um único sistema de todas as disciplinas, adequado à religião e ao Estado, de tal modo a alcançar uma uniformidade de doutrina a ser ensinada oficialmente pela educação pública’. Em tal processo de unificação do saber humano que deixa à margem a abstratividade cartesiana, antigos e modernos, contrapostos por seus métodos, podem conhecer uma significativa convergência, a tal ponto que a *Dissertazione* de 1709 – observa o autor – poderia ser intitulada *Da conciliação do método moderno de estudos com o antigo* (Vico, 2014, p. 850, 852)¹⁸. À necessidade de abandonar o esquema sincrônico de coordenação das ciências corresponde a exigência de uma dimensão diacrônica que evite sua justaposição e ilumine sua recíproca funcionalidade. O objetivo é salvar a unidade da sabedoria, coerente com o tema central da *Dissertatio* que fala de *methodus*, de uma via necessária ao ordenamento do saber moderno. A exigência de unificação e de ‘acordo’ não é um mero compromisso, mas um pacto a ser alcançado com base em novas relações entre *scienza* e *humanitas*, fundadas sobre a reconhecida utilidade social da primeira no mundo humano (Badaloni, 1969)¹⁹; não é a rendição final ao dogmatismo cognoscitivo, que arrisca colocar em crise a *libertas* da pesquisa científica, mas a autêntica expressão do significado da síntese entre cultura e política, como testemunharão os estudos e os projetos de Filippo Caravita e Gaetano Argento acerca da reforma do *Studio* napolitano (De Giovanni, 1968)²⁰.

Referências

- Badaloni, N. (1946). Umanesimo e neoplatonismo nelle orazioni vichiane. *Società*, 1(5), 202-215.
- Badaloni, N. (1969). Vico prima della Scienza nuova. In T. Campanella, G. B. Vico, & Accademia Nazionale dei Lincei (Cols.), *Campanella e Vico: Atti del Convegno internazionale: Roma, 12-15 maggio 1968*. Roma, IT: Accademia Nazionale dei Lincei.
- Cacciatore, G., Gessa-Kurotschka, V., Nuzzo, E., & Sanna, M. (2004). *Il sapere poetico e gli universali fantastici: la presenza di Vico nella riflessione filosofica contemporanea: atti del Convegno internazionale, Napoli, 23-25 maggio 2002*. Napoli, IT: Guida.
- Cacciatore, G., Sanna, M., Diana, R., & Mascolo, A. (2015). *In dialogo con Vico: ricerche, note, discussioni*. Roma, IT: Edizioni di Storia e Letteratura.

¹⁸ Sobre a ‘ideia de Universidade’ entre o *De ratione*, o *De mente heroica* e as *Accademie e i rapporti tra la filosofia e l’eloquenza*, consulte-se Patella (1999).

¹⁹ Badaloni (1946) é propenso, todavia, a manter o Vico do *De ratione* às margens da reviravolta filosófica, por ser interessado em defender prevalentemente seu ‘magistério retórico’.

²⁰ Vide a útil documentação examinada em Lomonaco (2016).

- Corsano, A. (1935). *Umanesimo e religione in G. B. Vico*. Bari, IT: Laterza.
- Corsano, A. (1956). *G. B. Vico*, Bari, IT: Laterza.
- De Giovanni, B. (1968). Il "De nostri temporis studiorum ratione" nella cultura napoletana del primo Settecento. In P. Piovani et al. (Eds.), *Omaggio a Vico*. Napoli, IT: Morano.
- De Giovanni, B. (2002). Topica e critica. *Il Pensiero: Rivista di Filosofia*, *XLI*(1-2). Doi: 10.1400/262760
- Descartes, R. (2009). *Regulae ad directionem ingenii*. In R. Descartes, & G. Belgioioso, *Opere postume 1650-2009*. Milano, IT: Bompiani.
- Di Cesare, D. (1988). La filosofia dell'ingegno e dell'acutezza di Matteo Pellegrini e il suo legame con la retorica di Giambattista Vico. In F. Lo Piparo, L. Formigari, & T. De Mauro, *Prospettive di storia della linguistica*. Roma, IT: Editori Riuniti.
- Girard, P. (2005). L'ingenium chez Gracián et Vico. *Bollettino del Centro di Studi Vichiani*, *XXXV*(XXXV).
- Gomez, F. J. N. (2001). El de officiis de M. T. Cicerón en las orationes inaugurales de G.B. Vico (Apuntes para una aproximación al estudio de las fuentes viquianas). In E. Hidalgo-Serna, M. Marassi, J. M. Sevilla, & J. Villalobos, (Eds.), *Pensar para el nuevo siglo Giambattista Vico y la cultura europea* (Vol. II, Napoli, IT: La città del sole.)
- Lomonaco, F. (2016). La cultura filosofica nello Studio napoletano tra Cinquecento e Settecento. In C. De Seta (Ed.), *Rete dei saperi*. Napoli, IT: Università degli Studi di Napoli "Federico II".
- Luvarà, F. (2001). Topica, retorica e scientia civilis nel De nostri temporis studiorum ratione. *Bollettino del Centro di Studi Vichiani*, *XXXI*(XXXII), 131-159.
- Malebranche, N. (1983). *De la Recherche de la vérité, où l'on traite de la nature de l'esprit de l'homme et de l'usage qu'il en doit faire pour éviter l'erreur dans les sciences* (M. Garin, Trad. It.). Roma/Bari, IT: Laterza.
- Modica, G. (1983). *La filosofia del "senso comune" in Giambattista Vico*. Roma, IT: Sciascia.
- Mortari, V. P. (1978). *Diritto, logica, metodo nel secolo XVI*. Napoli, IT: Jovene.
- Mortari, V. P. (1980). *Gli inizi del diritto moderno in Francia*. Napoli, IT: Liguori.
- Nardis P. (1995). *Port-Royal e la retorica*. Napoli, IT: Bibliopolis.
- Patella G. (1999). Universitas e ratio studiorum nel pensiero retorico vichiano. In A. Quarta, & P. Pellegrino (Eds.), *Humanitas. Studi in memoria di Antonio Verri* (Vol. II, p. 189-202). Galatina, IT: Congedo.
- Sanna, M. (2001). *La "fantasia ch'è l'occhio dell'ingegno". La questione della verità e della sua rappresentazione in Vico*. Napoli, IT: Guida.
- Struever, N. S. (1997). The medical-theoretical background in Naples of Vico New science. *New Vico Studies*, *15*(1), 10-24.
- Veneziani, M., & Vico, G. (2000). *De nostri temporis studiorum ratione di Giambattista Vico. Prima redazione inedita dal ms. XIII B 55 della Bibl. Naz. Di Napoli. Indici e ristampa anastatica dell'edizione Napoli 1709*. Firenze, IT: L. S. Olschki.
- Vico, G. (1982). *Le Orazioni inaugurali I-VI* (A cura di G. G. Visconti). Bologna, IT: Il Mulino.
- Vico, G. (1989). *Institutiones oratoriae* (G. Crifò, critical text, notes, and introductory essay). Napoli, IT: Istituto Suor Orsola Benincasa.
- Vico, G. (1992). *Epistole. Con aggiunte le Epistole dei suoi corrispondenti* (A cura di M. Sanna). Napoli, IT: Morano.
- Vico, G. (2012). *Vita scritta da se medesimo* (A cura di F. Lomonaco, postfazione di R. Diana e contributo bibliografico di S. Principe). Napoli, IT: Diogene.
- Vico, G. (2014). *De nostri temporis studiorum ratione* (A cura di F. Lomonaco). Napoli, IT: Diogene Edizioni.
- Vico, G., & Navarro Gómez, F. J. (2002). *Obras: Oraciones inaugurales; La antiquísima sabiduría de los italianos*. Barcelona, ES: Anthropos.
- Vives, J. L., Hidalgo-Serna, E., & Mattioli, E. (2002). *De ratione dicendi. La Retorica*. Napoli, IT: Città del Sole.